

A VARIAÇÃO DAS FORMAS VERBAIS *TER* E *HVER* EM TEXTOS ESCRITOS NO SÉCULO XIX

Solange Mendes OLIVEIRA*

ABSTRACT: *In the present study, we describe and analyze the qualitative and quantitative uses of the verb forms have and there to be in formal texts such as editorials, articles, certifications, public notices and minutes – text types that reflect the standard pattern present in each period – published in newspapers written in Brazil during the XIX century. The aim is to describe the variables that conditioned the progressive abandonment of the verb there to be in existential, possessive and compound structures and the consequent use of the verb have in such structures. Thus, this research intends to present evidences of the diachronic linguistic change that occurred in the Portuguese language, specifically, regarding the grammaticalization of the verbs have and there to be during the XIX century, a time that has not been systematically studied yet.*

KEYWORDS: *verbs have and there to be; diachronic linguistic change; grammaticalization.*

1. Introdução

As pesquisas diacrônicas sobre a evolução histórica dos verbos *ter* e *haver* revelam que essas formas passaram por um processo de gramaticalização ao longo da história da língua portuguesa, pois de verbos plenos, com sentido de posse, passaram a verbos auxiliares, atuando como meros suportes de flexão.

No português brasileiro contemporâneo, a forma *haver* vem perdendo também sua posição como verbo auxiliar e seu sentido existencial está cada vez mais se restringindo a construções raras. Esses dois campos sintático-semânticos vêm sendo ocupados pelo verbo *ter*.

Nesta pesquisa, pretende-se descrever e analisar, sob uma perspectiva diacrônica, os empregos qualitativo e quantitativo das formas *ter* e *haver* em 90 textos formais, como editoriais, artigos, declarações, editais, expedientes e atas – gêneros textuais que, por sua especificidade, espelham a norma culta vigente em uma época – publicados em jornais escritos em várias regiões do Brasil durante o século XIX, com o objetivo de mapear os contextos que contribuíram para o progressivo abandono do verbo *haver* em construções existenciais, possessivas e perifrásticas e o consequente uso do verbo *ter* nessas estruturas.

Os resultados obtidos serão comparados com os resultados encontrados por Callou e Avelar (2002) em anúncios do século XIX, gênero textual que, segundo Schwarcz (1987, p. 133), caracterizava-se, no século XIX, por apresentar um discurso “menos rígido” e, portanto, menos formal.

Com este estudo, pretende-se colaborar para a descrição da mudança lingüística diacrônica ocorrida na língua portuguesa em sua variante culta, especificamente, quanto à gramaticalização dos verbos *ter* e *haver* no transcorrer do século XIX, época que ainda não foi sistematicamente estudada.

* Doutora; Universidade Tuiuti do Paraná (UTP).

2. A gramaticalização de *ter* e *haver*

Estudos diacrônicos, como os de Mattos e Silva (1996, 2002), revelam que o processo de perda dos campos de atuação do verbo *haver* já vem se desenrolando desde o português arcaico, quando *haver* começa a deixar de atuar como o verbo de posse e adquire uma interpretação de verbo existencial, passando depois a exercer o papel de um verbo funcional ou auxiliar. No século XVI, o verbo de posse nas estruturas possessivas já é *ter* e não mais *haver* e, nas estruturas existenciais, o verbo *ter* já começa a ser utilizado com esse sentido. Os estudos de Ribeiro (1996) igualmente apontam que no português arcaico *haver* já atua como um auxiliar funcional em construções de posse e atua como verbo auxiliar tanto nas formas perifrásticas como nas construções existenciais. *Ter*, por outro lado, é um verbo lexical semanticamente pleno nessa época e compete com *haver* como verbo auxiliar nas perífrases perfectivas e nas construções existenciais. Para Ribeiro, a perda gradativa desses campos de *haver* se deve ao fato de que, em geral, os verbos nas construções existenciais e de posse costumam ser os mesmos e se uma língua tem um só verbo auxiliar, este é usualmente idêntico ao verbo existencial.

As construções existenciais, também chamadas impessoais, como sabemos, caracterizam-se sintaticamente por não selecionarem sujeito. No português arcaico, essas construções, segundo Mattos e Silva (1996, 2001, 2002), eram realizadas por meio dos verbos existenciais *haver* e *ser* e também por meio do verbo *fazer*, formando sintagmas nominais que denotavam tempo ou fenômenos naturais. Os exemplos do período arcaico, abaixo, retirados de Mattos e Silva (2001, p. 72-73), ilustram o verbo *haver* atuando como verbo existencial, como verbo temporal, e denotando fenômenos naturais, respectivamente:

- (1) Non *avia* padres santos.
- (2) Non *ha* ainda quarenta anos.
- (3) Aqueste meniho per hua tempestade que *ouve* veo a hua enfermidade.

Nas construções indicativas de posse, o verbo *haver* (*aver*), no período arcaico, comutava com *ter* (*teer*) nas estruturas indicativas de posse alienável, tendo como complemento um SN ou objeto direto, como “(*h*)*aver* remédio, bispado, casa”; “*teer* espada, arca, logares” (Mattos e Silva 2001, p. 79). Nesse período, primeiramente, *haver* e *ter* não estavam em variação livre nas estruturas de posse: (*h*)*aver* ocorria com complemento de qualquer valor semântico, como bens materiais adquiríveis, qualidades imateriais adquiríveis e qualidades intrínsecas ao sujeito. No início do século XV, *ter* já comutava com *haver* nas estruturas que exprimiam posse alienável ou bens materiais adquiríveis, e na segunda metade desse mesmo século, *ter* e *haver* estavam em variação livre, sendo que *ter* já era mais frequente que *haver*, vindo a substituir *haver* em todos os tipos de estruturas indicativas de posse ao longo da história da língua portuguesa (Mattos e Silva, 1996, 2001, 2002).

As construções perifrásticas, sequências em que *ter* e *haver* atuam como auxiliares ao se associarem às formas nominais do particípio passado (PP), gerúndio (GER) e infinitivo (INF), segundo Mattos e Silva (2001, p. 63-64), “só se generalizam no português a partir do momento em que o PP deixa de ser flexionado, em concordância com o seu complemento direto”, processo de gramaticalização que provavelmente ocorre na primeira metade do século XV, como “*os serviços que avian feitos a seu padre, non ousaram d’entrar na camara por a defesa que el-rei tinha posta*” (Instituto Camões, 2001, p. 4). Ao passarem de verbos semanticamente plenos a verbos auxiliares, *ter* e *haver* passam a atuar como meros suportes gramaticais das marcas de tempo, modo, aspecto, pessoa e número.

Feito esse esboço da trajetória dos verbos *ter* e *haver* do período arcaico até inícios do século XVI, passemos à descrição e análise das ocorrências dessas duas formas verbais nos textos formais escritos ao longo do século XIX.

3. As ocorrências das formas verbais *ter* e *haver* nos textos formais

Nesta pesquisa, a descrição e análise das ocorrências dos verbos *ter* e *haver* nos textos formais escritos ao longo do século XIX focalizam o aspecto sintático-semântico dessas formas. Assim, observam-se as estruturas em que *ter* e *haver* atuam como verbos plenos, como verbos-suporte, como verbos auxiliares – integrando tempos compostos ou locuções verbais – e como verbos existenciais/funcionais, seguindo o estudo feito por Mattos e Silva (2002) sobre o português quinhentista.

3.1 Levantamento dos dados

O total geral de ocorrências com *ter* e *haver* nos 90 textos formais analisados somam 310 casos. Deste total, houve 182 ocorrências com o verbo *ter* (58,7%) e 128 com o verbo *haver* (41,3%).

Como verbos plenos, *ter* e *haver* aparecem em estruturas indicativas de posse, somando 51 ocorrências no total: o verbo *ter* aparece em 48 casos, representando 94,1% das ocorrências, enquanto o verbo *haver* é selecionado para compor essas estruturas em apenas 3 casos, ou em 5,9%.

As construções com verbos-suporte somam 14 ocorrências, nas quais não se observa ocorrência alguma com o verbo *haver* preenchendo essas estruturas, enquanto o verbo *ter* preenche todos os casos (100%), já exercendo, assim, plenamente essa função no século XIX.

As construções perifrásticas – tempos compostos e locuções verbais – somam 150 ocorrências no total. *Ter* e *haver* formam compostos com o particípio passado em 107 estruturas, nas quais *ter* marca 93 ocorrências ou 87,0% dos casos, enquanto *haver* atua em 14 casos ou em 13,0% das ocorrências. As locuções verbais, estruturas formadas com *ter/haver* + *de/a/que* + INF, somam 43 ocorrências, nas quais *ter* atua em 16 construções ou em 37,2% dos casos, e *haver* ocupa 27 estruturas ou 62,8% dos casos com locuções verbais.

As estruturas existenciais ou funcionais somam 95 ocorrências no total; nestas, *ter* atua como existencial em 11 casos ou em 11,6% das construções, e *haver* preenche essas estruturas em 88,4% dos casos ou em 84 construções.

A tabela abaixo permite visualizar a distribuição dos dados e os campos sintático-semânticos que favorecem a atuação de *ter* e *haver* em cada uma das estruturas analisadas:

Tabela 1 – Descrição da atuação de *ter* e *haver* nos textos formais escritos no século IX.

Século XIX						
		Verbo <i>Ter</i>		Verbo <i>Haver</i>		Total
		Ocorrências	%	Ocorrências	%	
Verbos plenos		48	94,1	3	5,9	51
Verbos-suporte		14	100,0	0	0	14
Verbos auxiliares	tempos compostos	93	87,0	14	13,0	107
	locuções verbais	16	37,2	27	62,8	43
Verbos existenciais/funcionais		11	11,6	84	88,4	95
TOTAL		182	58,7	128	41,3	310

A análise e descrição das ocorrências de *ter* e *haver* nos textos analisados estão detalhadas na seção a seguir.

3.2 Análise e descrição dos dados

3.2.1 Verbos plenos

Nas construções indicativas de posse, conforme evidenciado na tabela acima, o verbo *ter* atua como verbo pleno em 48 ou em 94,1% do total de 51 ocorrências com essas estruturas. Nessas construções, *ter* tem dois argumentos nominais, como se pode ver nos exemplos abaixo, retirados do *corpus*:

(4) *Tem seu pai alguma fortuna* conseguida com sangue de centenas de victimas na guerra de Pinto Madeira. (*Diário do Rio de Janeiro*, 1842)

(5) E que tendo alcançado uma bussola para este trabalho da companhia da estrada de ferro [*o engenheiro*] só *a teve* em seu poder algumas horas e que por isso não realizou o serviço etc. (*Província do Paraná*, 1882)

Quanto à natureza semântica do complemento do verbo nas estruturas possessivas, os dados revelaram que primeiramente *ter* é favorecido nos contextos em que os objetos possuídos denotam “propriedades imateriais adquiríveis” (Mattos e Silva 2002, p. 125), como “ter ocasião/interesse/idéias/apreço/importância” etc., em 56,3% ou em 27 do total de 48 construções indicativas de posse. Nessas construções, *ter* denota “possuir”, como se pode observar em (6) e (7):

(6) Tudo he necessidade para quem não *tem consciência*. Não se póde por ventura cultivar a terra no Brasil por meio do trabalho livre? (*Aurora Fluminense*, 1830)

(7) São estes os nossos mais ardentes desejos, e *temos fé* que o nosso modesto jornal registrará em breve um dos maiores triumphos da província. (*Echo Litterario*, 1875)

Em segundo lugar, *ter* é favorecido nos contextos em que o complemento direto do verbo denota “propriedades materiais adquiríveis”, como “ter passaportes/naus/parafusos/escravos/bússola” etc., em 33,3% dos casos ou em 16 do total de 48 ocorrências com construções possessivas. Nessas estruturas, o sentido denotado por *ter* aproxima-se de “obter” ou “conseguir”:

(8) O Governo não dará *passaportes* aos Navios de Mossambique, e mais portos da Costa Oriental d’Africa para a seguinte monção, e que os da Costa Occidental só *os terão* até oito mezes antes. (*Jornal do Commercio*, 1828)

(9) O que mais recommenda esta *nau e suas irmaas*, quando *as tiver*, para a navegação de rios estreitos e canaes, é o não levantar vaga. (*Diário do Rio de Janeiro*, 1842)

As estruturas de posse em que *ter* é acompanhado de um complemento direto denotando “propriedades inerentes” são os contextos que menos favorecem a atuação de *ter* nas construções possessivas. Esses casos ocorreram em apenas 5 estruturas ou em 10,4% do total de construções possessivas. Nesses contextos, ilustrados em (10) e (11), *ter* denota “possuir”, estabelecendo uma relação de posse de estados inerentes ao sujeito ou de qualidades intrínsecas ao possuidor:

(10) A cinta *tinha* somente *três polegadas e meia de largura* (...). (*Diario do Rio de Janeiro*, 1842)

(11) Seu sangue foi derramado para satisfazer o rancor e egoísmo de um partido, cujos chefes só *teem* de humano o *vulto*. (*Diário do Rio de Janeiro*, 1842)

O verbo *haver*, por outro lado, atua como verbo pleno em apenas três estruturas indicativas de posse, representando 5,9% do total de ocorrências com esse tipo de construção. Isto sugere que *haver*, no século XIX, praticamente já perdera espaço para *ter* nesse campo sintático-semântico, em um processo já iniciado no português arcaico.

As construções com o verbo *haver* semanticamente pleno ocorrem em um mesmo texto; escrito, portanto, por um mesmo autor, que discute em seu artigo os problemas de abastecimento de água no Rio de Janeiro e as vantagens de se adquirirem “faixas hidráulicas” para a solução do problema. Os exemplos a seguir mostram as três ocorrências com *haver* no artigo em questão, no qual *haver* atua com o sentido de “obter” ou “conseguir”, tendo em (12) e (13) um sujeito indeterminado e em (14) um sujeito nominal, com complementos nominais nos três casos:

(12) Dentro no poço, rio, charco etc., de que se pretende *haver a água*, está mettido o cilindro menos grosso, disposto horizontalmente, móvel no seu eixo. (*Diario do Rio de Janeiro*, 1842)

(13) O segundo e maior tambor estará collocado na altura onde se pretende *haver a água*. (*Diario do Rio de Janeiro*, 1842)

(14) *As pessoas* que desejarem *haver-as* [as *faixas hidráulicas*] podem dirigir-se em Lisboa ao Sr. Luiz Manuel de Almeida, na rua direita da Esperança n. 106. (*Diario do Rio de Janeiro*, 1842)

Nas três construções indicativas de posse, ilustradas acima, a natureza semântica dos complementos diretos do verbo *haver* denotam “propriedades materiais adquiríveis”, como “haver a água” e “haver as faixas hidráulicas”. Nos 90 textos analisados, não foi encontrada ocorrência alguma com *haver* seguido de complementos diretos denotando “propriedades inerentes” ou “propriedades imateriais adquiríveis”, contextos, como vimos, já ocupados plenamente pelo verbo *ter*.

Observemos agora as construções em que *ter* atua como verbo-suporte.

3.2.2 Verbos-suporte

Nas estruturas em que atua como verbo-suporte, *ter* sofre um esvaziamento semântico e, junto com o seu complemento direto, compõe um “significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua (Neves 2000, p. 53), como se vê nos exemplos a seguir:

(15) O grande numero de dias santos de guarda que antigamente havia no Brasil *teve origem* na commiseração dos pobres escravos. (*Diario do Rio de Janeiro*, 1842)

(16) Faça votos para que aquellas províncias, que me são mais caras, como a em que *tenho o berço*, e a em que *tenho minha residência* official sigam muito de perto os teus passos na trilha do progresso. (*Libertador*, 1884)

(17) *Teve a palavra* em primeiro lugar o Sr. Dr. Joaquim Nabuco, que entre outras muitas considerações, disse que de agora em diante era necessario lutar com mais energia pela sorte dos escravizados. (*O Cachoeirano*, 1885)

Das 14 estruturas com verbo-suporte encontradas nos 90 textos analisados, *ter* preenche 100% dessas ocorrências e não se encontrou ocorrência alguma em que *haver* atuasse com essa função sintático-semântica. Isto indica que no século XIX *haver* já perdera também esse campo de atuação para *ter* e que este último já consolidara a posição sintático-semântica de verbo-suporte na época em estudo. Segundo Mattos e Silva (2002), *haver* já não era utilizado nesse contexto em João de Barros, no século XVI.

Os três exemplos acima mostram claramente o esvaziamento semântico do verbo *ter* e sua atuação como mero verbo-suporte, pois os sintagmas “teve origem”, “tenho o berço”, “tenho minha residência” e “teve a palavra”, em (15), (16) e (17), respectivamente, indicam ou poderiam ser substituídos nessas construções pelos verbos nocionais “originou(-se)”, “nasci”, “resido” e “falou”, respectivamente.

A sub-seção a seguir trata das construções em que *ter* e *haver* atuam como verbos auxiliares.

3.2.3 Verbos auxiliares

Os verbos *ter* e *haver* atuam como auxiliares quando seguidos do particípio passado ou do infinitivo de um verbo nocional. Nesses contextos, servem como meros suportes gramaticais da marcação de tempo, modo, aspecto, número e pessoa.

3.2.3.1 Estruturas com *ter/haver* + PP (tempos compostos)

Os verbos *ter* e *haver*, seguidos do particípio passado, formam tempos compostos que geralmente se referem a um acontecimento ou situação que denota frequência, com aspecto iterativo ou freqüentativo, ou a um evento acabado no passado, expressão do aspecto perfectivo, ou seja, variados matizes de duração do processo verbal estão contidos nos verbos auxiliares.

Ao formar tempos compostos, *ter* e *haver* têm o sentido esvaziado e passam a ter uma função relacional, cuja acepção própria se apaga ou se modifica por virem combinados com outro elemento anexo, ao qual transferem ou com o qual dividem o papel de predicação da oração (Said Ali 2001).

Do total geral de 107 ocorrências encontradas nos textos com o tempo composto, *ter* atua em 93 construções, representando 87,0% desses casos. Esse resultado revela a opção preferencial dos autores pelo uso de *ter* em vez de *haver* para expressar os tempos compostos.

Em (18) e (19), abaixo, vemos alguns dos contextos em que *ter* e *haver* + PART denotam o aspecto freqüentativo (“tem perguntado”, “hão levantado”, respectivamente) e, em (19) e (20), alguns dos contextos em que *ter* e *haver* denotam o aspecto perfectivo (“tinham vindo”, “tinham pegado”, “havia auxiliado”, respectivamente), além de evidenciarem a variação que ocorria entre *ter* e *haver*:

(18) *Tem-se nos perguntado* varias vezes que destino se dará aos nossos navios mercantes empregados nas viagens da escravatura. (*Jornal do Commercio*, 1828)

(19) Algumas pessoas que *tinham vindo* da Corte e d’outros logares, afim de residir aqui, vendo-se desesperadas pelo flagello, *hão levantado* acampamento e de novo seguido para seus antigos lares. (*O Fluminense*, 1881)

(20) Ora, o encarregado de negocios não estava autorizado para taes actos, depois os emigrados *tinhao pegado* em armas contra a ordem publica e *haviao auxiliado* a revolta do Sabino. (*Diário do Rio de Janeiro*, 1842)

O verbo *haver* aparece em 13,0% ou em 14 estruturas do total geral de ocorrências com o tempo composto. Outros exemplos com *haver* formando compostos estão a seguir:

(21) Parou aos gemidos do escravo ensangüentado, mandou aprear os Seus criados, e conduzido a Sua Presença, a quem com piedade fez algumas perguntas, e *havendo expedido* aviso ao Juiz de Paz para que obrasse na forma da Lei. (*Jornal do Commercio*, 1830)

(22) Mas ou seja que as expedições por mal dirigidas se tornassem infrutíferas, ou que divulgadas recebessem os negros a noticia, nenhum proveito dahi se *ha colhido* encontrando-se só os ranchos de palhas que usão destruir com fogo. (Periódico de 1833)

O levantamento e análise dos dados revelaram que nas estruturas com tempo composto, a forma gramaticalizada, isto é, sem concordância do PP adjetivo de verbos transitivos com o seu complemento direto, já estava consolidada no século XIX, pois das 107 ocorrências com *ter/haver* + PP, foi encontrado apenas 1 caso de concordância entre o PP adjetivo e o complemento. Essa ocorrência está ilustrada em (23):

(23) Por este modo cahiria o tratado de cooperação na qual se *tinha fixada a opinião* publica. (*Jornal do Commercio*, 1828)

Observemos agora as locuções verbais com *ter* e *haver*.

3.2.3.2 Estruturas com *ter/haver* + *de/a/que* + INF (locuções verbais)

As construções com *ter* e *haver* seguidos do infinitivo de um verbo nocional formam locuções verbais, nas quais *ter* e *haver*, além de servirem como suportes gramaticais da marcação de tempo, modo, número e pessoa, atuam também como modalizadores. Nessas estruturas, que somam 43 ocorrências no total, *ter* aparece em 16 casos, ou em 37,2% das construções, e *haver* é a opção de preenchimento em 27 casos, ou em 62,8% das ocorrências. Esse resultado evidencia que *haver*, nesse campo sintático-semântico, ainda era a opção preferencial dos autores no século XIX.

As locuções verbais são empregadas para enunciar aspectos ou modos de ação, isto é, formam auxiliares modais que se combinam com o infinitivo ou o gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal. Observemos algumas dessas ocorrências:

(24) Os Negociantes *terão de regressar* com as fazendas, o que nesse caso, como bem pondera o author da correspondencia, de gravíssimos prejuizos os ameaça, capazes de arrastar bancarrotas. (*Jornal do Commercio*, 1828)

(25) Os candidatos dessa fracção *tem de pedir* o voto aos eleitores, sem pronunciar-se sobre problemas tão graves, que affectam, mais do que todos os outros, o futuro da nossa pátria (*O Correio Paulistano*, 1876).

Nos dois exemplos acima, vemos que *ter*, seguido do infinitivo de um verbo nocional, tem função de modalizador, pois adiciona o sentido de obrigatoriedade ao verbo principal. Esse mesmo sentido é acrescentado por *haver* nesses mesmos contextos sintáticos:

(26) Reúne-se [o partido político], trabalha, em tempo *ha de apresentar* seus candidatos, que *hão de ser* os apóstolos do jesuitismo. (*O Correio Paulistano*, 1876)

(27) Os Brasileiros *hão de reconhecer* no Cearense o precursor da transformação nacional. (*Libertador*, 1884)

Passemos à descrição e análise de *ter* e *haver* nas construções existenciais.

3.2.4 Verbos existenciais/funcionais

Nos textos analisados, foram encontradas 95 estruturas em que *ter* e *haver* atuam como verbos existenciais ou funcionais e, portanto, não predicadores. Nessas construções, *ter* atua em 11 casos, representando 11,6% das ocorrências e *haver* é selecionado para compor essas construções em 84 casos, ou em 88,4% das ocorrências, revelando a opção preferencial dos autores por *haver* para ocupar esse campo sintático-semântico no século XIX, como, também, a emergência, ainda que tímida, de *ter* nessas estruturas, mesmo em situações de maior formalidade, como é o caso dos gêneros textuais analisados.

Nos exemplos abaixo, retirados dos textos, observa-se que *ter* atua como existencial, já que ocorre com sujeito \emptyset , seguido de um complemento direto em (28) e em (29) e, em (30), é seguido de um complemento locativo expresso por um sintagma preposicional. Em (28), observa-se ainda que os verbos *ter* e *haver* se apresentam em variação em um mesmo enunciado para expressar o sentido existencial:

(28) *Ha* outro esconderijo aonde estão também muitos quilombollas, e *tem o coito* até para depozito de negros furtados, vindos da cidade: são dalli conduzidos para Serra acima e vendidos pelos conductores. (Periódico de 1833)

(29) *Tinha* perto do lugar de seu trabalho *um pequeno fogo* mantendo uma panella com colla. (*O Cachoeirano*, 1885)

(30) Assignou a acta da fundação um numero relativamente crescido de cidadãos, attendendo-se á pequena população que *tem n'aquella villa*. (*A Republica*, 1888)

O verbo *haver* existencial ou funcional ocorre em estruturas que não selecionam um sujeito – sujeito nulo, portanto – mas selecionam um sintagma nominal interpretado como um complemento direto ou um complemento locativo expresso por um sintagma preposicional ou adverbial. Os exemplos (31) e (32), abaixo, mostram duas das ocorrências de *haver* existencial seguido de seu complemento direto:

(31) Entre o mesmo rio Guarahy e o de Macau, em o lugar chamado Samagus, *ha outro esconderijo* aonde estão também muitos quilombollas. (Periódico de 1833)

(32) E Domingos Sebastião pedindo para edificar 100 palmos de terreno no largo da Estação que foi indeferido á vista da informação do Sr. Engenheiro que declarou não *haver terreno devoluto* no lugar indicado. (*Província do Paraná*, 1882)

O exemplo (33), a seguir, ilustra uma das ocorrências de *haver* existencial seguido por um complemento locativo expresso por um sintagma preposicional adverbial, e (34) mostra uma das ocorrências de *haver* seguido por um complemento locativo expresso por um sintagma preposicional:

(33) Não *ha em nosso passado* desde a Independência uma data nacional igual á que a província do Ceará vai crear. (*Libertador*, 1884)

(34) Não duvidamos que *haja no ministério* a melhor vontade a respeito, e conhecimento completo desta grande necessidade publica. (*Diário do Rio de Janeiro*, 1842)

Dentre as 84 ocorrências com *haver* existencial, 19,0% ou 16 casos referem-se a contextos em que sobressai em *haver* a idéia de existência de certa duração de tempo ou certa localização no passado:

(35) Poucos dias *ha* que chegarão ao Brasil alguns emigrados francezes. (*Diário do Rio de Janeiro*, 1842)

(36) Em Valença, falleceu *ha* pouco, a cabocla Francisca de tal, geralmente conhecida pela alcunha de *Chica Cabra*, com a idade de 120 annos. *Ha* annos que cegara e vivia esmolando. (*O Fluminense*, 1881)

Quanto à ocorrência do verbo *haver* existencial flexionado, foram encontrados três casos em três diferentes textos, escritos na primeira metade do século XIX, nos quais *haver* existencial concorda com o SN plural que o segue:

(37) No chão ao mesmo tempo, *haverão girândolas* nos intervallos da forma acima. (*Jornal do Commercio*, 1830).

(38) Não *havião* então *sciencias* propriamente dittas. (Periódico de 1834)

(39) Não duvidamos que *hajão* hoje *as difficuldades*, que apontou o sr. ministro da justiça. (*Diário do Rio de Janeiro*, 1843)

4. Considerações finais

Com o intuito de descrever o percurso diacrônico da gramaticalização dos verbos *ter* e *haver* em sua variante culta ao longo do século XIX, o estudo dessas categorias, neste trabalho, teve como base textos formais, como editoriais, artigos, declarações, editais, expedientes e atas, publicados em jornais escritos durante o século em questão. A descrição e análise focalizaram quatro tipos de estruturas sintático-semânticas, com o intuito de mapear os contextos que favoreceram a atuação de *ter* e *haver*: estruturas em que atuam como verbos plenos, como verbos-suporte, como verbos auxiliares – integrando tempos compostos ou locuções verbais – e estruturas em que atuam como verbos existenciais ou funcionais.

O levantamento e a análise dos dados revelaram que:

O verbo *ter* é a opção preferencial dos autores nas construções indicativas de posse em 94,1% do total das ocorrências. Nessas construções, a natureza semântica do complemento do verbo foi analisada em três aspectos: propriedades materiais adquiríveis, propriedades imateriais adquiríveis e propriedades inerentes ao sujeito. Constatou-se que *ter* é favorecido nos contextos em que os objetos possuídos denotam “propriedades imateriais adquiríveis”, expressando nessas estruturas o sentido de “possuir”. Em seguida, *ter* é favorecido nos contextos em que o complemento direto do verbo denota “propriedades materiais adquiríveis”, exprimindo o sentido de “obter” ou “conseguir”. Por último, *ter* é favorecido nos contextos em que o objeto possuído denota “propriedades inerentes”, exprimindo, nessas construções, o sentido de “possuir”.

O verbo *haver* atua em apenas 3 estruturas ou em 5,9% do total de ocorrências de construções indicativas de posse. Esse resultado revela que, no século XIX, *haver* praticamente já perdera espaço para *ter* nesse campo sintático-semântico. Nos contextos em

que atua como verbo pleno, *haver* exprime “possuir” e a natureza semântica de seus complementos diretos denota “propriedades materiais adquiríveis”.

Os contextos sintático-semânticos em que os verbos atuam como meros verbos-suporte favoreceram a atuação de *ter* em 100% dos casos, revelando um espaço já consolidado por *ter* no século em questão. Nesses contextos, *ter* sofre um esvaziamento semântico e compõe um significado global junto com o seu complemento direto, correspondente ao significado que tem um outro verbo da língua.

Nos contextos em que atuam como verbos auxiliares, *ter* e *haver* formam compostos ou locuções verbais. Ao formarem compostos (*ter/haver* + PART), *ter* e *haver* têm o sentido esvaziado e passam a ter uma função relacional; essas estruturas geralmente se referem a um acontecimento ou situação que denota frequência, com aspecto iterativo ou freqüentativo, ou a um evento acabado no passado, com aspecto perfectivo. Do total geral de 107 ocorrências encontradas nos textos com o tempo composto, *ter* atua em 93 construções, representando 87,0% desses casos e *haver* marca 14 ou 13,0% dos casos. Esse resultado revela a opção preferencial dos autores pelo uso de *ter* em vez de *haver* para formar compostos nos textos formais.

Ao formarem locuções verbais (*ter/haver* + INF), *ter* e *haver* enunciam os modos de ação, isto é, formam auxiliares modais que se combinam com o infinitivo ou o gerúndio do verbo principal/nocional para determinar o modo como se realiza a ação verbal. Nas 43 estruturas com locuções verbais, *ter* aparece em 16 casos, ou em 37,2% das construções, e *haver* em 27 casos, ou em 62,8% das ocorrências. Esse resultado mostra que, apesar de competir com *ter* nessas estruturas sintático-semânticas, *haver* ainda era a opção preferencial nesse contexto sintático-semântico.

Nos textos escritos, os contextos sintático-semânticos que pedem a atuação de um verbo existencial favorecem a ocorrência de *haver* em 88,4% ou em 84 do total de 95 casos com essas estruturas, revelando a opção preferencial dos autores por *haver* para ocupar também esse campo sintático-semântico. *Ter*, por sua vez, já aponta timidamente como uma opção para expressar esses contextos em 11,6% ou em 11 casos do total de construções existenciais.

Em suma, *ter* já tem sua posição de verbo-suporte consolidada no século XIX e se apresenta prestes a ocupar plenamente as estruturas indicativas de posse. Como auxiliares, *ter* e *haver* estão em variação, entretanto, *ter* predomina na formação de compostos, inserindo traços aspectuais, enquanto *haver* predomina na formação de locuções verbais, atuando como modalizador. Nas estruturas existenciais, *ter* e *haver* já se apresentam em variação, entretanto, *haver* predomina majoritariamente nesses contextos.

Esses resultados aproximam-se dos de Callou e Avelar (2002) que, ao analisarem os usos de *ter* e *haver* em anúncios do século XIX, concluem que *haver* predomina nas estruturas existenciais e *ter* predomina nas estruturas de posse e nos compostos participiais. Os resultados diferem, contudo, em um dos contextos: nos anúncios pesquisados pelas autoras, o verbo predominante nas locuções verbais, ou expressões modais, é *ter* e não *haver*, como constatamos nos textos formais analisados. Essa diferença pode ser explicada pelo grau de maior formalidade usada nos textos formais que serviram de base para esta pesquisa.

Referências

- FLORIPI, Simone. O comportamento do verbo haver no texto de Pero Gândavo. *Via litterae*. v.1, n. 1, p. 165-182, jul./dez. 2009.
- CALLOU, Dinah; AVELAR, Juanito. Estruturas com ter e haver em anúncios do século XIX. In: ALKMIM, Tânia Maria (Org.). *Para a história do português brasileiro*. São Paulo: Humanitas, 2002. v. III, p. 47-67.
- INSTITUTO CAMÕES. *Sintaxe histórica (estruturalista): estudos tradicionais em sintaxe histórica do português*. Lisboa, 2001. Manuscrito.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. A variação haver/ter. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (Org.). *A carta de Caminha: testemunho lingüístico de 1500*. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 181-193.
- _____. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2001.
- _____. Vitória de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio (Orgs.). *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 119-142.
- _____. A variação ser/estar e haver/ter nas cartas de D. João III entre 1540 e 1553: comparação com os usos coetâneos de João de Barros. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia; MACHADO FILHO, Américo Venâncio (Orgs.). *O português quinhentista: estudos lingüísticos*. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 143-160.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.
- RIBEIRO, Ilza. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*. In: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 343-386.
- SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8 ed., São Paulo: Companhia melhoramentos, 2001.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- VIEIRA, Márcia dos Santos. Haver, ter ou fazer na expressão de tempo decorrido. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Português brasileiro II: contato lingüístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EdUFF, 2008. p. 192-202.